



III JOGOS OLÍMPICOS

1904 St. LOUIS

UM FRACASSO A PRIMEIRA OLIMPÍADA REALIZADA NA AMÉRICA. UM FRACASSO TÃO GRANDE QUE RESOLVERAM PROMOVER OUTRA OLIMPÍADA DOIS ANOS DEPOIS, NA GRÉCIA. RESULTADO: UM FRACASSO MAIOR AINDA.

uem visse Félix Carvaial dando voltas em torno da raça, numa estranha e solitária corrida pelo centro de Havana, logo supunha tratar-se de um louco. Algumas pessoas, impressionadas com aquela incrível prova de resistência (as voltas, em certas ocasiões, prolongavam-se pela tarde inteira), acabavam depositando moedas no chapéu que o corredor vez por outra lhes estendia. Os mais curiosos ficavam até o fim, para perguntar a Carvaial o que o fazia correr tanto em troca de tão pouco. Sua

- Este dinheiro vai me levar aos Jogos Olímpicos.

Félix, o magnífico, foi chegando aos poucos

Nunca se soube ao certo onde e como o pobre e obscuro carteiro de Havana descobriu que haveria uma Olimpíada em St. Louis, em fins de agosto e comeco de setembro daquele ano. Nem mesmo se soube se ele tinha, então, alguma idéia do que fosse uma Olimpíada. A falta de meios de comunicação, em 1904, parecia deixar Cuba ainda mais ilhada à entrada do golfo. Seu povo não tinha consciência do que se passava no resto do mundo, ou no próprio país, embora os jornais falassem de uma querra entre russos e japoneses, da progressiva desvalorização da moeda, da mais recente crise que ameacava o governo de Tomás Estrada Palma, ou da base naval que os americanos haviam insta-Guantánamo. Mas os jorfalavam de esporte e importavam com o fato de os Estados Unidos gastarem



Desmarteau, o vencedor da prova de arremesso de peso.

milhares de dólares com a organização de uma Olimpíada. No entanto, Félix Carvajal, que nunca se interessara por corridas ou qualquer outro esporte, descobriu tudo sozinho e decidiu representar o seu país na maratona olímpica.

De moeda em moeda, o carteiro tornou-se um pouco menos pobre e acabou conseguindo mais do que o bastante para comprar uma passagem de segunda num barco de terceira. Em fins de julho, chegava a Nova Orleans, onde, num imprevisível jogo de dados, perdeu a última moeda. Voltando a usar o mesmo expediente - as tais corridas solitárias em praça pública -, Carvajal pode viajar de uma cidade para outra, a pé ou de trem, pagando ou pedindo carona, até cruzar os Estados de Louisiana, Mississipi e Tennessee, chegando a St. Louis, no Missouri, dois dias antes da cerimônia de abertura, a 29 de agosto. Quando Carvajal apareceu na Vila Olímpica (a burocracia era mínima e qualquer um podia inscrever-se em cima da hora, sem pertencer a clube ou associação oficial), foi recebido entre palmas e gargalhadas. Com a roupa do corpo, sujo, barba crescida mas perguntando o que precisava fazer "para apresentar Cuba na maratona", o carteiro de Havana, uma espécie de Cantinflas do começo do século, era o que estava faltando ao ambiente não muito alegre da Vila Olímpica. Os outros atletas logo gostaram dele e passaram a chamá-lo de Félix, el

Muitos dólares gastos,

só nove países presentes

Os Estados Unidos haviam prometido superar a Franca na organização de um programa tão festivo quanto esportivo, mas acabaram incorrendo no mesmo erro de quatro anos antes e fazendo esse programa coincidir com a Feira Mundial que se realizava em St. Louis. Em consegüência, a Feira Mundial despertou mais interesse que o esporte. A maior parte

do público - americanos ou não preferia passar o tempo nas arquibancadas dos rodeios a assistir às provas que tinham lugar no estádio ao lado. Por maiores que fossem os esforços dos americanos no sentido de transformar os Jogos Olímpicos num acontecimento mundial, o inexplicável boicote dos ingleses e franceses, que não mandaram um só atleta a St. Louis, esfriou a festa; apenas nove países compareceram.

De qualquer forma, os III Jogos Olímpicos não deixaram de ter um lado positivo. A maior parte dos recordes estabelecidos em Paris, quatro anos antes, foi superada, com supremacia quase absoluta dos americanos nas provas de pista e campo. Quatro de seus atletas tornaram-se os primeiros a ganharem três medalhas de ouro numa mesma Olimpíada: Archie Hahn, nos 60, 100 e 200 metros rasos; Ray Ewry, no salto em distância, com e sem impulso, e no salto em altura; James Lightbody, nos 800 e 1500 metros rasos e nos steeplechase de 2 500 metros; e Harry Hillman, nos 400 metros rasos e nos 200 e 400 metros com barreiras. Embora algumas dessas provas já não façam parte do programa oficial olímpico, seus nomes são até hoje reconhe-



Largada de Archie Hahn, vencedor da prova dos 200 metros.

cidos como autênticos tríplices campeões, todos eles imbatíveis em 1904 Entre os visitantes o destaque foi mesmo o políciamontada canadense Etienne Desmarteau, vencedor de uma prova também já extinta, o lancamento do peso de 56 libras (25,5 quilos), única que os americanos perderam em todo o atletismo.

A maratona: Lorz vence viajando de carona

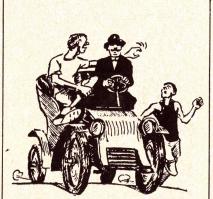
Mas o grande momento dos III Jogos Olímpicos, diziam todos estaria reservado para o dia da maratona, para o qual se esperava, talvez, uma reedição do feito heróico de Spiridon Loues. Na tribuna de honra do estádio, entre os membros do Comitê Olímpico Internacional e outros personagens importantes, estava Alice Roosevelt, filha de Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos escolhida para colocar a medalha de ouro no peito do vencedor. Na pista, alinhados ao lado do juiz de partida, 31 corredores representando os nove países. Foi então que ocorreu a primeira garga-Ihada: muito compenetrado, Félix Carvajal vestia a mesma roupa com que viera de Havana: calças compridas, camisa de mangas longas e sapatos de couro. O americano Martin Sheridan, vencedor do lançamento do disco, pediu permissão ao juiz e entrou na pista com uma tesoura. Ali mesmo, diante do público, cortou as mangas de Carvajal e, logo em seguida, na altura dos joelhos, as caltransformando-as num improvisado e deselegante calção. O carteiro sorriu, deu-lhe um tapinha nas costas e pouco depois a

prova começou. O principal, porém, não aconte ceria ali, dentro do estádio, mas do

ado de fora, sobre os 40 quilômeros de asfalto de uma das estradas de St. Louis. Como se esperava, o cansaço foi minando as esperanças da maior parte dos corredores. Seis deles não chegaram à metade do percurso, quatro caíram sem fôlego mais adiante, seis outros também não foram até o fim. Além do cansaco, agravado pelo sol forte, havia um outro obstáculo, este inesperado: os corredores respiravam a fumaça que saía dos canos de descarga dos automóveis, que os acompanhavam, e tossiam a todo instante. Um deles, o americano Bill Garcia, quase morre asfixiado, caindo com uma hemorragia nasal, a poucos quilômetros da linha de chegada.

De todos os corredores, só um não se perturbou com os carros: Félix, que passava por eles, dizia uma piada num inglês confuso. roubava um pêssego do motorista e seguia em frente, rindo muito. Às vezes, o cubano parava para descansar, ficava conversando com

as pessoas que assistiam à prova. recobrava o fôlego e voltava a correr. Outro, além de não se perturbar com os carros, gostou muito de vê-los na estrada: Fred Lorz, um americano gozador que pertencia à equipe do Mohawk Athletic Club. Depois de cumprir os primeiros quinze quilômetros, Lorz che-



Fred Lorz apanha carona, para vencer a prova da maratona.

gou-se para o motorista de um dos automóveis e disse: - Desisto, o cansaco me ven-

ceu. Por favor, dê-me uma carona de volta até o estádio.

Um título para Félix: o mais glorioso perdedor

Uns 2 quilômetros antes da linha de chegada, ainda fora do estádio, Lorz pediu ao motorista para parar e desceu. Então, sem uma gota de suor, o uniforme limpo, como se só então fosse começar a corrida, cumpriu o resto do percurso, chegando, é claro, em primeiro lugar. O público ficou de pé para recebê-lo. Palmas, gritos, lenços brancos acenados com alguma emoção, uma festa com a qual Lorz não havia sonhado. Na tribuna de honra, Alice Roosevelt já tinha a medalha de ouro nas mãos. Na pista, a banda já se preparava para executar o hino dos Estados Unidos. Só então o motorista entrou correndo pelo estádio, gritando que tudo não passava de

que, quando o americano Thomas Hicks chegou, para realmente vencer a prova, teve uma acolhida quase fria. Mais tarde, Lorz juraria que, no fundo, nunca pretendera enganar-

uma fraude. O mal-estar foi tanto

ninguém. Se tivesse dado tempo, na certa confessaria ao juiz de chegada que tudo não passara de uma anedota. Mas, na época, ninguém acreditou nisso: foi considerado um impostor e nunca mais pôde competir oficialmente. Para compensar, pelo menos uma vez as coisas se passaram de forma diferente e o anedótico se

transformou em heróico: o quarto lugar na maratona coube a Félix Carvajal. Sujo, maltrapilho, esgotado, ele cruzou a linha. E, em vez de gargalhadas, desta vez deramthe vivas e abraços. Por fim os que tros atletas se cotizaram para pagar-lhe a passagem de volta e dar-lhe uma placa dourada com os dizeres: "A Félix o IV, o mais glorioso perdedor da história dos Jogos Olímpicos".

O COMPLICADO INÍCIO DAS OLIMPÍADAS. **HOUVE ATÉ** UMA QUE NÃO VALEU.

s fracassos dos Jogos Olímpicos que se realizaram em Paris e St. Louis foram explicados de diversas formas. Para Pierre de Coubertin, tudo se devia à probreza do Comitê Olímpico Internacional, cujos cofres vazios não podiam arcar com tantas responsabilidades financeiras. Em consequência - erro que Coubertin admitiu sem poder evitar teve-se que recorrer, em 1900, à Exposição Universal, e, em 1904. à Feira Mundial, eventos que praticamente ofuscaram as Olimpía-

Alguns especialistas no esporte da época justificavam os dois fracassos com outros argumentos. Por exemplo: a falta de promoção, já que os jornais poucas noticias publicavam a respeito dos Jogos Olímpicos, ao mesmo tempo que o Comitê não se preocupava em imprimir cartazes, folhetos ou qualquer outra publicação publicitária. Esses mesmos especialistas observavam que, com todos os esforços do barão, o esporte ainda ão era uma atividade tão internacionalizada quanto devia: em cada país, e para cada esporte, havia re-

gras próprias, não padronizadas, de modo que muitos se recusavam a admitir que os regulamentos aprovados pelo Comitê fossem os certos. E enquanto isso não acontecesse, os Jogos não se transformariam num acontecimento mun-

Mas os gregos, lá de longe, pensavam de outro modo. Não punham a culpa na Exposição, na Feira, na inabilidade do Comitê ou na falta de uniformidade das leis esportivas. Para eles - e citavam o exemplo do período de decadência que se seguiu ao domínio dos antigos gregos pelos romanos

os Jogos Olímpicos jamais poderiam vingar, se realizados em outro lugar que não na sagrada terra de Olímpia

Não se sabe até que ponto Coubertin e seus pares levaram a sério o argumento grego, mas a verdade é que, em 1906, sem que se respeitasse o intervalo de quatro anos estabelecido pela tradição, aceitaram realizar novos Jogos Olímpicos em Atenas. Como os dois anteriores - e desta vez ninguém se preocupou em explicar por que -, eles resultaram em fracasso. O simples fato de grandes atletas haverem brilhado. como Archie Hahn nas corridas de velocidade, James Lightbody nas provas de meio-fundo, Ray Ewry nos saltos e Harry Hillman nas

carreiras com obstáculos, não bastou para que se evitasse, em tudo, o sabor insípido da repeti-

E os gregos, desta feita, se viram duplamente frustrados. George I, o rei que se incluiu entre os adeptos da realização dos Jogos Olímpicos sempre em Atenas, arrependeu-se disso, depois que soube dos prejuízos financeiros da festa de 1906. E o povo não teve ao menos um Spiridon Loues para ganhar a maratona, vencida pelo canadense Sherring. Por tudo isso, e com muita razão, os segundos Jogos Olímpicos de Atenas não contam. Hoje, nem Coubertin se lembraria deles.



1904 - Saint Louis: 3rd Olympic Games/ 3èmes JO

Em Saint Louis, erros se repetem

A má experiência da Olímpiada de Paris, a de coincidir as competicões com a Feira Internacional. não foi lição suficiente para os organizadores dos Jogos. Quatro anos depois, em Saint Louis, a Exposição Comercial de Louisiana ganhou as atenções do público e as disputas esportivas — assim como ocorrera na capital francesa despertaram pouco interesse. Até porque não eram Jogos tão importantes assim. Ainda predominava a

A prova da Maratona foi o exemplo maior da desorganização. Fred Lorz, um dos 29 norte-americanos que a disputavam (havia ainda um grego e um cubano), cruzou a linha de chegada impecável. Nenhuma gota de suor, nenhum sinal de pó sobre o corpo. Foi saudado

entusiasticamente e até foto tirou ao lado da filha do presidente Franklin Roosevelt, Alice. Quinze minutos depois chegaram os juízes que haviam acompanhado os competidores e desfez-se a farsa: Lorz havia pego carona num caminhão. "Era só uma piada que eu queria fazer", comentou depois, com a maior cara-de-pau. O vencedor de fato foi o compatriota Thomas

Das 100 medalhas de ouro distribuídas, 80 acabaram nas mãos dos donos da casa. Não era para menos, afinal eles eram 533, de um total de 625 atletas. Uma disparidade tão grande que as modalidades por equipes eram disputadas por clubes norte-americanos. No atletismo, só uma medalha não ficou com os anfitriões, a de arre-



Saint Louis: Jogos e exposição

messo de peso, que acabou nas mãos de um policial canadense

chamado Etienne Desmarteau. E foi em Saint Louis que finalmente um atleta negro alcançou uma medalha. George Poage, bronze nos 400m com barreira.



Velocista impede o fracasso A Olimpiada de Saint Louis po- o segundo colocado. deria ter sido um fracasso total,

SAINT LOUIS, 1904

não fosse a presença de meia dúzia de atletas excepcionais. O maior deles, Archie Hahn, "O Meteoro de Milwaukee". Hahn venceu as provas dos 60, 100 e 200 metros, estabelecendo nesta última, um recorde que se manteve por 28 anos: 21s6. Tempo suficiente para livrar

uma vantagem de três metros sobre

O, então, mais veloz homem do planeta, tinha 24 anos quando arrebatou as três medalhas de ouro. Mas não quis mais saber de competições. Dedicou-se a formar novos corredores e até escreveu um livro com o mesmo objetivo didático, How to Sprint. Formou-se em advocacia, mas não chegou a exercer

a profissão. Morreu em 1955.

HISTÓRIA DAS OLIMPÍADAS

Um salto sobre os problemas físicos

Ray Ewry superou a paralisia infantil para se tornar oito vezes campeão olímpico no atletismo e outras duas nos Jogos Interinos de 1906. George Eyser ganhou três medalhas de ouro, uma de prata e outra de bronze na ginástica, mesmo com uma perna – a direita – de madeira. Dois americanos que emocionaram o público nas desorganizadas Olimpíadas de Saint Louis (EUA). Ewry ganhou ouro em todas as provas olímpicas que disputou nos Jogos de 1900, 1904 e 1908, além das Olimpíadas Interinas de 1906, em Atenas. Ficou pouco conhecido porque eram modalidades que já não fazem mais parte do programa: os saltos em altura, em distância e triplo, sem impulso. A perna-de-pau não foi empecilho para que George Eyser se tornasse campeão no salto sobre o cavalo, nas paralelas e até em modalidade exótica

> OS NÚMEROS E OS ESPORTES DO PROGRAMA **PERÍODO** ATLETAS

De 1º de julho a 23 de novembro BRASIL

Nenhum atleta foi

Textos e pesquisa: Jorge Luiz Rodrigues

681 homens e seis mulheres de 12 países

MODALIDADES CURIOSAS

Golfe, Cabo-de-guerra, Lacrosse e Roque. Basquete e Beisebol foram esportes de demonstração



Na próxima segunda-feira, as Oilmpíadas de 1908 e de 1912

de madeira. A modalidade só deixou o programa olímpico nos Jogos de 1932, em Los Angeles Ao sinal do juíz, o atleta tinha que subir os dez metros no menor tempo possível. Eyser 10m conseguiu a façanha em sete segundos Não havia nós ou qualquer outro tipo de apoio ao longo da corda

SUBIDA DE CORDA

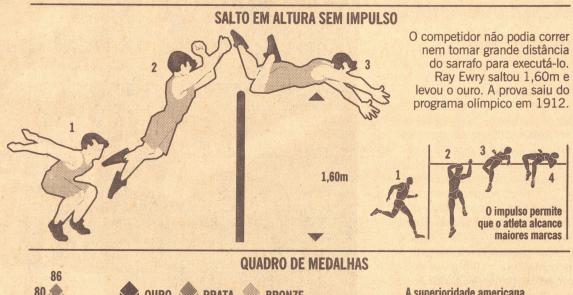
Era um dos

exercícios da

Eyser foi ouro

apesar da perna

ginástica. George



A superioridade americana Outros 3,9% Cuba 5,3% A marca americana em Saint Louis é a maior alcançada por um país em todos os anos dos Jogos: 238 das 284 medalhas em disputa. A extinta União Soviética é a que mais se aproxima do feito: 195 das 630 medalhas: 31%

0 GLOBO -15/4/96

